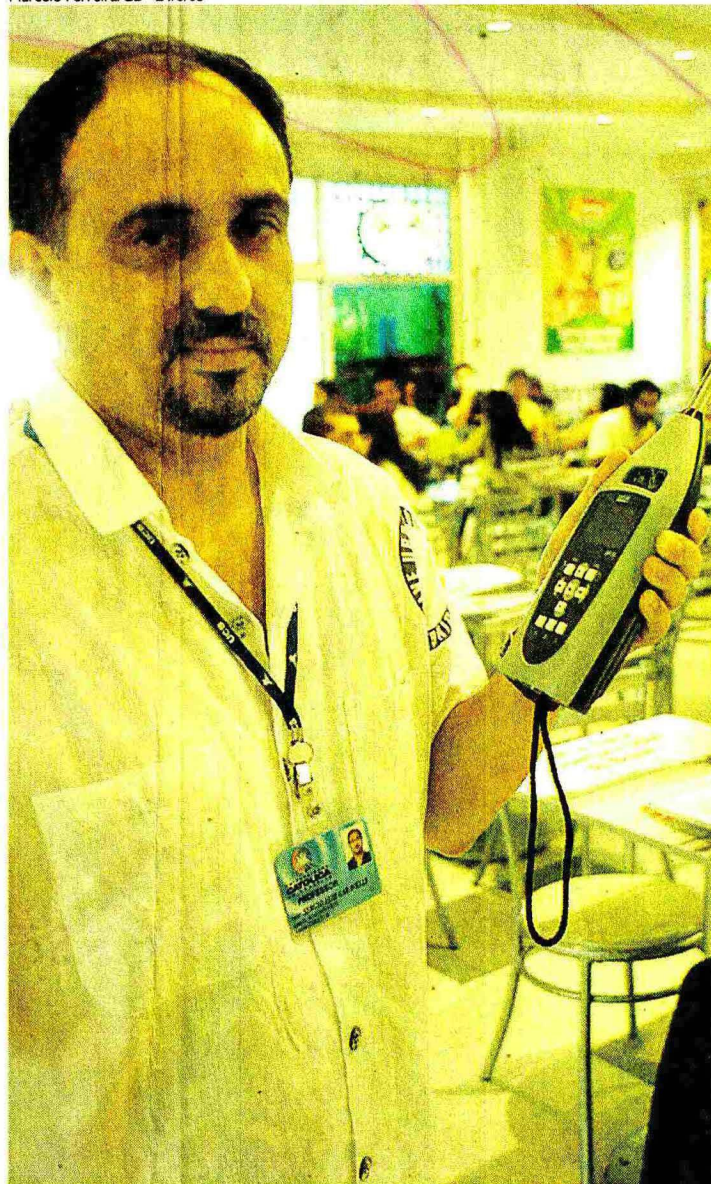


**INCÔMODO**

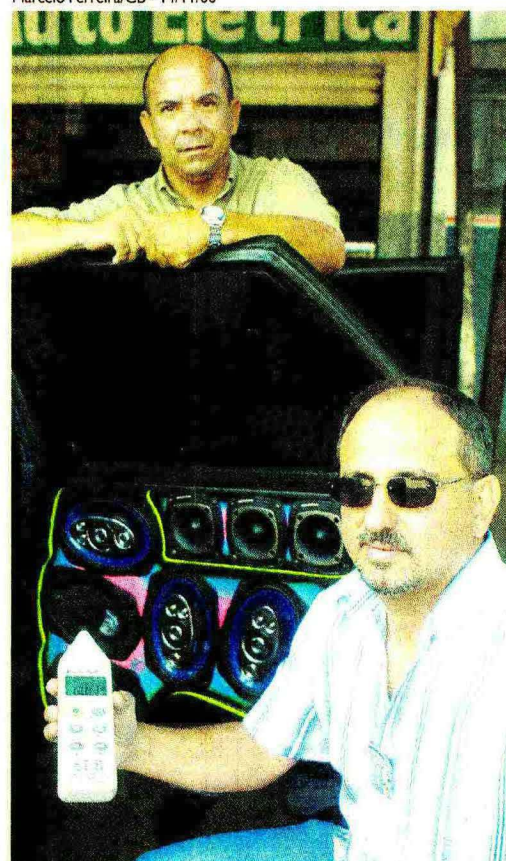
Os lava-a-jatos em postos de gasolina tiram a tranquilidade dos moradores vizinhos

**CAÇA-BARULHO**

O especialista em Gestão Ambiental e Qualidade de Vida Sergio Garavelli, que é também professor do curso de física da Católica, participou da elaboração da nova lei de combate à poluição sonora. "A lei é moderna, os limites estabelecidos são os mesmos definidos pela comunidade europeia. O problema é a falta de fiscais para checar todas as denúncias", comenta. Garavelli, acompanhado da equipe de reportagem, esteve em diversos pontos da cidade, como praças de alimentação de shoppings, para medir a intensidade do barulho.

**BUZINA E MOTOR**

Os ônibus são responsáveis por emissão de altos níveis de ruído

**MÚSICA ALTA**

Motoristas que têm potentes equipamentos de som em veículos devem respeitar novas regras

Estresse e perda de AUDIÇÃO

HELENA MADER E
ELISA TECLES

DA EQUIPE DO CORREIO

O DF já tinha uma legislação para controlar a poluição sonora — a lei 1.065, de 1996. Mas o novo texto publicado no *Diário Oficial* no mês passado deixa as regras mais rígidas. Além das exigências de isolamento acústico e da proibição de carros de som em áreas com residências, escolas ou hospitais, o texto determina que estabelecimentos comerciais com nível de pressão sonora acima de 80dB informem aos usuários sobre possíveis danos à saúde humana.

Outra novidade é o controle mais rígido em vias com tráfego intenso, que geram ruídos excessivos. A lei determina que os órgãos competentes, como o Departamento de Trânsito e o Departamento de Estradas de Rodagem, busquem soluções para avenidas e rodovias que gerem barulho acima do recomendado. "Nossa lei contra poluição sonora é moderna e os limites estabelecidos são os mesmos definidos por países da comunidade europeia. O problema é a falta de fiscalização e controle. O número de fiscais é muito pequeno para checar todas as denúncias", aponta Sérgio Garavelli, diretor do curso de física da Universidade Católica e especialista em Gestão Ambiental e Qualidade de Vida. Ele foi um dos responsáveis técnicos pela elaboração da lei contra poluição sonora.

Em cidades como Taguatinga e Ceilândia, além da excessiva movimentação de veículos diariamente, os fiscais do Instituto Brasília Ambiental ainda

precisam controlar o vaivém de carros de som. Esse tipo de veículo não é comum nas ruas do Plano Piloto, mas em locais mais distantes do centro da capital são frequentes. Comerciantes usam os carros de som para anunciar os mais diversos tipos de produtos e serviços e os veículos circulam com enormes caixas de som. "Em países desenvolvidos, não existem carros de som. Eles são uma das maiores reclamações que recebemos aqui em Brasília. Felizmente, a lei proíbe a circulação na área residencial", explica o fiscal do Ibram Bento Marçal, responsável pelas fiscalizações de combate à poluição sonora.

A exposição contínua a altos níveis de ruídos é um risco para o ser humano. Além de deixar as pessoas mais propensas a problemas como estresse, úlcera, hipertensão e infarto, o barulho excessivo pode causar perda auditiva. "Há casos de exposição súbita, como a explosão de fogos de artifício, que causam perda de audição. Mas o mais recorrente e grave é a exposição diária e continuada, que causa perdas irreparáveis. Ruídos acima de 55dB já são suficientes para causar perdas auditivas ao longo da vida", garante o médico otologista André Sampaio, professor da Universidade de Brasília (UnB). "A lei é importante para preservar a saúde dos brasileiros", destaca o especialista.

Lava-a-jato

O barulho que vem da janela é alto e contínuo. Começa por volta das 7h, quando muitos moradores ainda estão dormindo, e não acaba antes das 19h, de segunda a sexta-feira. Moradores de quadras da Asa

Norte reclamam do som de lava-jatos de automóveis que ultrapassa os níveis de emissão sonora previstos por lei.

Postos de gasolina que abrigam as máquinas de limpeza ficam a cerca de 20 metros dos prédios e não tem isolamento acústico para conter o ruído. Quando a equipe do *Correio* chegou em um deles, o número indicado no decibelímetro oscilava entre 61 e 65 dB, bem acima dos 50dB permitidos para área residencial durante o dia. Quando o aparelho de secagem era ligado, esse valor chegou a 71 dB. A medição foi feita no pilotis do bloco para se ter uma idéia real do que os moradores precisam agüentar diariamente.

"Esse valor está acima do permitido. Há comprometimento da saúde, prejudica quem quer estudar, dormir, ver televisão", explicou Bento Marçal. Segundo ele, a comprovação do excesso de som é suficiente para atuar o estabelecimento. Uma possível solução para o problema seria erguer os muros dos fundos e das laterais do posto, além de cobrir o teto, o que direcionaria as ondas sonoras para a rua.

A reclamação dos moradores é que o lava-a-jato os impede de ter sossego dentro de casa. "As pessoas querem estudar, usar o computador, ler, e isso incomoda demais. Aqui moram aposentados que passam o dia todo em casa", comentou o vice-prefeito da 309 Norte, Alcino Almeida. O representante do prédio lembra que o barulho chega até ao sexto andar da prumada central e não tem intervalo. "Só quem vive ali sabe como isso incomoda. Já reclamamos várias vezes, mas nada surtiu efeito", completou Almeida.